



A revelação divina a partir da sede na perícope da samaritana (Jo 4,5-15): a perspectiva poética de José Tolentino Mendonça

The divine revelation from the Samaritan woman pericope (Jn 4,5-15): José Tolentino Mendonça's poetic perspective

Luis Gustavo da Silva Joaquim

Resumo

O presente artigo consiste em uma breve análise e reflexão acerca da significação da sede de Jesus à beira do poço de Jacó, conforme a narrativa bíblica de Jo 4,5-15, bem como a sua profunda relação com a revelação divina. Assim sendo, esta análise perpassa a abordagem poética do cardeal português José Tolentino Mendonça em sua obra intitulada *Elogio da sede*, publicada, no Brasil, no ano de 2018. Desse modo, a partir do diálogo que Jesus estabelece com a mulher samaritana no poço, ele se revela como sendo a fonte de água viva e, também, constitui a sede, isto é, eleva a nossa humanidade como um lugar privilegiado da revelação divina, em outras palavras, um lugar privilegiado da manifestação e comunicação de Deus. Por este estudo, portanto, poderemos concordar a reflexão poética de José Tolentino Mendonça acerca da Revelação divina a partir da realidade da sede, à luz da perícope da samaritana, com outros autores, exegetas e teólogos.

Palavras-chave: Revelação. Samaritana. José Tolentino Mendonça.

Abstract

The present article consists on a brief analysis and reflection about the meaning of Jesus' thirst besides Jacob's Well, according to the biblical narrative found in Jn 4,5-25, as well as its deep connection to divine revelation. Thus, this analysis pervades the Portuguese cardinal, José Tolentino Mendonça's, poetic approach in his work entitled *Elogio da Sede*, which means "Praise to the thirst", published in Brazil in 2018. This

way, from the dialogue that Jesus establishes with the Samaritan woman by the well, he reveals himself as the source of living water and also constitutes the thirst, i.e., raises our humanity as a gifted place for God's manifestation and communication. Therefore, through this study, it's possible for José Tolentino Mendonça's poetic reflection about divine revelation from the thirst case, in light of the Samaritan woman's pericope, to agree with other authors, exegetes and theologians.

Keywords: Revelation. Samaritan woman. José Tolentino Mendonça.

Introdução

O objeto da Teologia Fundamental, conforme Xavier, é a revelação e a credibilidade humana.¹ Desse modo, a revelação é “simultaneamente acontecimento da história, assinalável no tempo, e mistério de fé”.² Todavia, ela deve estar unida à Sagrada Escritura, lugar privilegiado de encontro com a Palavra feita carne, e para tanto, urge pensar no acesso do homem à revelação, que se dá, tanto para Xavier,³ como para Boff,⁴ por meio da linguagem. Neste ponto, queremos refletir e analisar a significação da sede de Jesus ao pedir água para a samaritana, à beira do poço de Jacó, conforme a narrativa bíblica presente em Jo 4,5-15.

Como ponto de partida para este estudo, vale-se a partir da perspectiva poética do cardeal José Tolentino Mendonça, sobretudo em sua obra intitulada *Elogio da sede*, publicada em 2018, que, em suma, é a versão transcrita dos exercícios espirituais pregado pelo cardeal ao Papa Francisco, juntamente com a Cúria Romana, no mesmo ano da publicação.

Na obra, o autor “tematiza a falta e a sede, revelando muito de nós mesmos e de Deus”,⁵ propondo uma “pedagogia de aprofundamento da fé fundada no encontro com Jesus”⁶ por intermédio da parábola da mulher samaritana no poço (Jo 4,1-29). Pensar esta temática, em nossos dias, revela não apenas a humanidade de Jesus, mas também a do próprio homem, a fim de que se construa um lugar da revelação e manifestação de Deus.

Posto isto, pode-se, por meio de um processo de identificação pessoal, compreender o olhar sensível e sincero de fé da samaritana como resposta a Jesus, partir da abordagem de Tolentino, pois, entende-se a fé não somente em sentido amplo de uma confiança em

¹ XAVIER, D., Teologia Fundamental.

² LATOURELLE, R., Teologia, ciência da salvação, p. 111.

³ XAVIER, D., Teologia Fundamental.

⁴ BOFF, C., Teoria do método teológico.

⁵ OLIVEIRA, P. R. F., O Verbo se fez poesia, p. 413.

⁶ OLIVEIRA, P. R. F., O Verbo se fez poesia, p. 429.

Deus, mas, conforme Murad, uma fé envolta de quatro dimensões: entrega ao Senhor, conhecimento do que ele revela, prática do amor solidário e vivência da esperança.⁷

Desse modo, à medida em que o homem se percebe incompleto, ele se torna também capaz de perceber que Deus, em Jesus, faz-se verdadeiramente o Deus-conosco, Emanuel (Mt 1,23). É um encontro provocado pela revelação, pois, se se percebe a proximidade do divino revelado ao homem, pode-se também abrir-se à sua graça. Falta isto: a arte do encontro; e para encontrar-se, é preciso perder-se, muitas vezes.

Ademais, São João da Cruz afirmava que o homem pode beber mesmo na obscuridade porque a sua sede ilumina a fonte.⁸ Deste modo, o presente artigo tem por objetivo geral abordar a alegoria poética utilizada pelo poeta e cardeal português, José Tolentino Mendonça, em sua obra *Elogio da sede*, a fim de compreender e explicitar a revelação divina por meio da sede e do pedido de água da samaritana (Jo 4,5-24), que permitiram a Jesus revelar outras sedes e a fonte de água viva. Destarte, a fonte que pode saciar a sede do homem é o próprio Cristo revelado.

O método abordado para este estudo é o bibliográfico, no sentido de identificar, elencar e refletir acerca de uma das obras do cardeal e poeta português, José Tolentino Mendonça, publicada no Brasil, em 2018, com o título *Elogio da sede*. Portanto, fazendo uso também de demais textos, artigos, livros e documentos oficiais do magistério da Igreja Romana, parte-se do procedimento de revisão bibliográfica, de modo a se concretizar a fundamentação teórica desta pesquisa.

1. Deus que se comunica aos homens: a Revelação divina

Falar da revelação é olhar para os dois testamentos bíblicos, mas não do mesmo modo, pois “o Antigo Testamento ocupa [lugar] no conjunto do projeto salvífico que encontra no Novo Testamento a plenitude”,⁹ isto é, em Jesus Cristo. Desse modo, pela revelação, “Deus abre-se ao homem numa confiança de amor e convida a um comércio de amizade”.¹⁰

Assim, “a revelação se caracteriza pelo seu primado ontológico, a iniciativa de Deus”,¹¹ isto significa que é importante para pensar a revelação divina, a noção de transcendência humana, isto é, “compreender o homem como capaz de escutar a Palavra de Deus significa compreendê-lo em sua condição original de transcendência”.¹² *Homo capax Dei*: é, portanto, a partir desta abertura no homem, que podemos falar da revelação, isto é, o Deus que se mostra, que se aproxima, que se revela ao homem.

⁷ MURAD, A. et al., A casa da teologia, p. 30.

⁸ MENDONÇA, J. T., Elogio da sede, p. 31.

⁹ LIBANIO, J. B., Introdução à Teologia Fundamental, p. 162.

¹⁰ LATOURELLE, R., Teologia, ciência da salvação, p. 12.

¹¹ XAVIER, D., Teologia Fundamental, p. 27.

¹² XAVIER, D., Teologia Fundamental, p. 38.

Para tanto, “los Padres de La Iglesia concebía nel mundo como una gran “teofanía”, una gran manifestación de Dios. (...) Esto significa que el universo es un signo de la presencia y belleza divinas”.¹³ Assim, por esta teofania, Deus se revela a nós mediante palavras e ações, dos quais não podem ser tratados separadamente. Aqui, encontra-se a necessária atitude de *auditus fidei*, pois, “Deus se revela em situações de humanidade”.¹⁴

A abordagem poética pode ser uma maneira análoga para compreender a revelação.¹⁵ Ademais, o uso corrente da linguagem metafórica no que diz respeito ao mistério divino, é muito presente, também, na liturgia e na catequese. Por isso, também na Sagrada Escritura, lugar privilegiado da revelação divina,¹⁶ encontra-se a linguagem poética-metafórica.

Nesse sentido, um perito na área é o cardeal português chamado José Tolentino Mendonça, nascido no município de Machico, localizado na região da Ilha da Madeira (Portugal) no dia 15 de dezembro de 1965. Atualmente, o cardeal desde 2019, nomeado pelo Papa Francisco como arquivista do arquivo apostólico do Vaticano, bem como bibliotecário da biblioteca apostólica Vaticana, na Cúria Romana. Além do mais, é teólogo, poeta, professor universitário e escritor, sendo considerado um nome referencial para a literatura portuguesa contemporânea.

Para o teólogo, o próprio Jesus, ao construir suas parábolas nos diálogos com os discípulos, estava produzindo poesia. Desse modo, também na poesia, Cristo se revela o Deus encarnado na história humana. Sobre a poética de Jesus, afirma o teólogo:

Para usar a nomenclatura proposta por Jean-Pierre Manigne, quando se fala, por exemplo, da poética de Jesus, deve-se sem dúvida, falar das parábolas e dos ditos de Jesus, mas igualmente considerar a sua poética somática: poética do corpo real e do corpo simbólico, poética do coração, poética do olhar, poética do gosto. A Filiação divina revelou-se num pathos humano concreto, que não deve ficar na sombra. Porque exatamente a maneira como Jesus atuava, a importância que ele dava à palavra, a força simbólica que ele atribuía ao espaço, a estratégia do seu silêncio e da sua oralidade são chaves indispensáveis de acesso ao que ele representa.¹⁷

Pensar a revelação divina de modo poético - e, no entanto, ainda enraizada na nossa realidade -, a partir da perspectiva de José Tolentino Mendonça, no livro *Elogio da Sede*, faz pensar nesta mesma revelação a partir da falta, do desejo e da busca;

¹³ BURGGRAF, J., Teología Fundamental, p. 21.

¹⁴ XAVIER, D., Teologia Fundamental, p. 31.

¹⁵ BOFF, C., Teoria do método teológico.

¹⁶ DV 12.

¹⁷ MENDONÇA, J. T., A Leitura Infinita, p. 207.

realidades estas, mui presentes na atual sociedade marcada pelo vazio existencial causado pelas relações humanas cada vez mais frias, superficiais e pautada em interesses. É mister, portanto, o exercício de encontrar o Deus revelado justamente na incompletude do homem, pois, “temos sede e não nos apercebemos”.¹⁸ O próprio Papa Francisco afirmou, no prefácio da obra, sobre os exercícios espirituais:

Recordando à sabedoria do Evangelho, bem como à sua preparação teológica, à inspiração poética e à sua experiência pastoral e pessoal, conduziu-nos a refletir sobre um dos desafios mais urgentes para a Igreja de hoje: recolocar a sede de Jesus no centro do coração pulsante do Cristianismo, relacionando a sede da humanidade à sede de Jesus na cruz.¹⁹

Por fim, ao citar o teólogo Elmar Salmann, Tolentino apresenta três características próprias da poesia que são capazes de auxiliar na maturação interior e na acolhida da revelação divina. São elas: a possibilidade de criar uma metáfora integral da vida, a percepção de um conhecimento concreto, e não meramente conceitual, e por fim, a poesia é sujeita a liberdade, singularidade e, ao mesmo tempo, precisão na tragicidade da vida. É nesse sentido, portanto, que o verbo se fez poesia, e fazendo-se poesia, fez-se proximidade.

1.1. Revelação em *Elogio da sede*: o Deus de proximidade

Conforme Oliveira, Tolentino trata sobre a revelação divina na obra *Elogio da sede* de uma forma transversal.²⁰ E não é para menos, pois, quando se percebe a profundidade tratada ao longo das páginas, compreende-se o quão enriquecedor, realmente, foram os exercícios espirituais do papa juntamente com a Cúria Romana. E tudo principia de um trecho do Evangelho escrito por São João, que compreende parte da perícopa da mulher samaritana:

Chegou, então, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, e perto da região que Jacó havia dado a seu filho José. Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte. Era por volta da hora sexta. Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber!” Seus discípulos haviam ido à cidade comprar alimento. Diz-lhe, então, a samaritana: “Como sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos.) Jesus respondeu: “Se conheces o dom de Deus e que é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!” Ela lhe disse: “Senhor, nem sequer

¹⁸ MENDONÇA, J. T., *Elogio da sede*, p. 31.

¹⁹ MENDONÇA, J. T., *Elogio da sede*, p. 9.

²⁰ OLIVEIRA, P. R. F., *O Verbo se fez poesia*, p. 413.

tens vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva? És porventura maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?” Jesus lhe respondeu: “Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele fonte de água jorrando para a vida eterna”. Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!”. (Jo 4, 5-15).

O cardeal apresenta, por meio desta parábola, uma face belíssima da revelação divina: o Deus de proximidade. Ora, mesmo sendo de condição divina, Cristo não se valeu da forma de Deus, mas esvaziou-se para fazer-se servo da nossa humanidade (Fl 2,6-11). Em primeiro momento, esta proximidade do Deus revelado se dá no cansaço de Jesus, pois ele para e senta na borda do poço. Sobre isto, garante Tolentino: “não é só o homem que é mendigo de Deus. Em Jesus, Deus também se apresenta como mendigo do homem”.²¹ Não raro, a constituição apostólica *Dei Verbum* apresenta a revelação como um encontro de amigos entre Deus invisível e os homens.²²

A partir deste encontro, acontece também o diálogo; ocasião na qual Jesus pede de beber (Jo 4, 24). Ora, Ele tem sede, mas é a sede da entrega do homem, isto é, da correspondência humana para com a revelação divina, pois, “só compreendemos verdadeiramente o diálogo de Jesus com a samaritana - e conosco -, se tivermos diante dos olhos o dom sem limites que Jesus faz de si na cruz”.²³

A figura do poço, na tradição judaica, conforme Zevini, nos remete à lei que contém toda sabedoria (Nm 21, 16-18).²⁴ Todavia, ao sentar à beira do poço e estabelecer diálogo com a samaritana, Jesus toma o lugar da antiga fonte, e, portanto, “Ele próprio é a verdadeira fonte que substitui a lei e o Templo, e oferece uma água viva que brotará depois do seu lado aberto (19, 34)”.²⁵

2. A hermenêutica da sede

De acordo com Mendonça, além desta perícopa da samaritana em questão, ao longo do seu Evangelho São João utiliza-se do verbo “tenho sede” (*dípsan*), por mais cinco vezes. Acontece que:

²¹ MENDONÇA, J. T., Elogio da sede, p.17-18.

²² DV 2.

²³ MENDONÇA, J. T., Elogio da sede, p. 18.

²⁴ ZEVINI, G., Evangelho segundo João, p. 122.

²⁵ ZEVINI, G., Evangelho segundo João, p. 123-124.

A declaração verbal da sede de Jesus, feita num tempo presente que a torna intensa, atual e interminável (“tenho sede” – diz ainda hoje o Senhor), concorre para compreendermos como se fá a consumação do destino de Jesus. “Jesus, sabendo que tudo se consumara para se cumprir totalmente a Escritura, disse: “Tenho sede”.²⁶

Muitas são as sedes que a condição humana exhibe em nossa sociedade, contudo, sabe-se também que somente o Deus revelado é quem pode saná-las. Neste sentido, dar água, a fim de matar a sede, no contexto bíblico em questão, significava um “precioso sinal de acolhida, solidariedade e hospitalidade”.²⁷ E assim, portanto,

Não é Jesus que deveria pedir algo, mas a Samaritana, porque só ele é a fonte que satisfaz a sede. É o gesto paradoxal de um Deus-Amor que se faz pobre e mendigo para enriquecer o homem. É a absurda atitude de um Deus-Pai que pede para dar com abundância. E o dom de Deus que Jesus oferece à mulher é algo de grande: a revelação progressiva da sua pessoa.²⁸

Verdadeiramente, é um dom sem limites esta revelação divina. O forte pedido de Jesus, “dá-me de beber” (Jo 4,7), demonstra que a revelação é um encontro com a própria graça divina. Afinal de contas, a sede do Senhor não se materializa na água, porque ela não é uma sede de água, diz Tolentino, “é uma sede maior. É a sede de tocar as nossas sedes, de contatar com nossos desertos, com as nossas feridas”.²⁹

Assim, por meio do diálogo com a humanidade, a partir do cotidiano de cada um, Jesus dirige uma palavra, aliás, pensando em realidades hodiernas, “a crise da consciência moderna é também uma crise da palavra”,³⁰ pois, parece que o homem se desacostumou à escuta da Palavra, isto é, do diálogo com o Deus revelado na história. Além do mais, é sempre Jesus quem “toma a iniciativa na vida de cada pessoa e, neste caso, não deixa fugir a oportunidade de revelar o mistério da água viva”.³¹

Esta relação dialogal entre a samaritana e Jesus mostra, portanto, a íntima relação entre a realidade da sede e o próprio Cristo, Palavra encarnada do Pai. Em questões etimológicas, sabemos a partir da filosofia grega clássica, o conceito de *logos*, para significar palavra. Sendo assim, “a ideia que o *Logos* se torne um homem historicamente determinado, uma *sarx* (carne), é tipicamente neotestamentária”.³² E isto deve ser motivo de alegria: Deus revelou-se ao homem na história através da sua

²⁶ MENDONÇA, J. T., Elogio da sede, p. 69.

²⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., O evangelho de São João, p. 210.

²⁸ ZEVINI, G., Evangelho segundo João, p. 125.

²⁹ MENDONÇA, J. T., Elogio da sede, p. 20.

³⁰ MENDONÇA, J. T., A Leitura Infinita, p. 203.

³¹ ZEVINI, G., Evangelho segundo João, p. 124.

³² MENDONÇA, J. T., A Leitura Infinita, p. 204.

Palavra, nos acontecimentos, nas realidades, nos encontros e até mesmo nos desencontros, para que o homem pudesse conhecer a sua graça. Todavia, é um encontro que se dá constantemente, isto é, a cada dia. O homem não é pronto e acabado. Pensar deste modo garante a responsabilidade de deixar-se encontrar diariamente pela Palavra divina encarnada.

O Senhor nos chama e se revela, paulatinamente, como sempre fez: “Abraão, Abraão” (Gn 22, 1); “Jacó, Jacó” (Gn 46,2); “Moisés, Moisés” (Ex 3,4). Todos estes chamamentos, “explicitam o protagonismo deste Deus que fala ao coração dos homens para fazer das suas incertas itinerâncias uma surpreendente história de salvação”.³³ Para tanto, o Filho é a Palavra encarnada e revelada. Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho (Hb 1,1-2). De fato:

Deus falou por meio de Jesus de Nazaré. E este “por meio” sinaliza verdadeiramente uma mediação de todo singular, já que atesta que Jesus não foi apenas veículo da Palavra do Pai, mas ele próprio era a palavra anunciada. Com razão diziam os seus ouvintes: “Nunca ninguém falou assim”.³⁴

É o Senhor que toma a iniciativa do encontro: “ele chega primeiro ao poço. Quando aqui chegamos, ele já estava à nossa espera”.³⁵ Portanto, antes mesmo que o homem reconheça a sua sede, é Deus quem tem sede do homem.

Com isto, percebemos como a revelação divina é acessível a nós, pois, em alusão poética na abordagem de Tolentino, o poço significa nossa humanidade, ainda que frágil, imperfeita, limitada. Todavia, é o que é, e por isso o Senhor se revela nela, porque está pautada na verdade do que o homem é. Esta é a melhor oração, diz Tolentino: “pobre, fragmentada, distraída ou dispersa (...) diferente daquela que já fomos capazes de fazer no passado ou incomparavelmente diversa daquela oração idealizada que gostaríamos que fosse a nossa. O importante é não deixar de rezar”,³⁶ até porque, “a força que verdadeiramente precisamos, a graça de que necessitamos, não é nossa, mas de Cristo”.³⁷

3. Dá-me desta água”: a resposta da samaritana como reflexo da adesão humana ao Deus revelado pela fé

³³ MENDONÇA, J. T., *A Leitura Infinita*, p. 205.

³⁴ MENDONÇA, J. T., *A Leitura Infinita*, p. 206.

³⁵ MENDONÇA, J. T., *Elogio da sede*, p. 21.

³⁶ MENDONÇA, J. T., *Elogio da sede*, p. 25.

³⁷ MENDONÇA, J. T., *Elogio da sede*, p. 99.

Se por um lado temos o Deus que se revela ao homem, isto é, vem ao encontro da humanidade dando de beber, é preciso também que esta mesma humanidade caminhe ao encontro da graça, que significa o esforço humano, isto é, a adesão ao *logos*, à Palavra, ao convite.

O encontro começa com o pedido de Jesus: Dá-me de beber. Por ser homem, Jesus sente necessidade e é, assim, solidário com necessidade de todo homem. Pede demonstração de solidariedade ao nível humano mais fundamental, que une os homens acima das culturas e das barreiras políticas e religiosas. A solidariedade com Jesus é solidariedade com homem. É a demonstração do amor; a necessidade é a ocasião de manifestar-se em favor do homem; responder a ela é a condição para receber o dom de Deus.³⁸

Outrossim, a sede dá início à revelação de Jesus à samaritana. Isso se dá no seguinte esquema, conforme Niccacci & Battaglia: revelação enigmática (v. 10), incompreensão da mulher e segunda revelação (v. 11-14), e reação positiva da mulher (v. 15),³⁹ ou seja, trata-se sempre de um diálogo entre Deus revelado e nós, a partir de uma experiência encarnada na nossa realidade:

A parte mais importante da perícopes é composta de dois diálogos (vv. 7-26 e vv. 31-38) que se desenrolam seguindo o conhecido esquema literário da alternância da revelação de Jesus e da incompreensão do homem, a que segue a explicação teológica conclusiva. As sucessivas perguntas e respostas evidenciam um processo hermenêutico que tem por fim dar a entender quem é Jesus e como a fé nele é dom que ele traz ao homem.⁴⁰

Desse modo, a compreensão da revelação exige profunda experiência dialogal, pois, “é preciso conhecer Jesus e ter com ela um relacionamento pessoal”.⁴¹ Somente a partir desta relação pessoal, seremos capazes de reconhecer o dom de Deus e pedi-lo, isto é, dar uma resposta ao Deus revelado, já que, de acordo com Zevini, o dom de Deus e a água viva indicam a mesma realidade, na literatura joanina.⁴²

Libanio apresenta a relação entre revelação e salvação, afirmando que, “a revelação brota do amor salvífico de Deus, que se irradia por todos os lados possíveis (...) onde houver uma

³⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., O evangelho de São João, p. 210.

³⁹ NICCACCI, A.; Battaglia, O., Comentário ao Evangelho de São João, p. 77.

⁴⁰ ZEVINI, G. Evangelho segundo João, p. 121.

⁴¹ ZEVINI, G., Evangelho segundo João, p. 125.

⁴² ZEVINI, G., Evangelho segundo João, p. 126.

mínima abertura do homem, aí penetra a luz reveladora e salvadora de Deus”.⁴³ Aqui encontra-se o sentido da fonte de água viva:

Materialmente a expressão designa a água de uma fonte ou de um rio, em oposição à água parada, por exemplo, de uma cisterna; mas no pensamento de João a “água viva” é a água “que jorra para a vida eterna” (v.13). Na literatura profética a água é símbolo da salvação e dos bens futuros provenientes de Deus (...) A expressão de João designa portanto a revelação de Jesus, nova Lei dos tempos messiânicos.⁴⁴

Assim, a revelação está sempre ligada ao sentido soteriológico da existência humana, isto é, Deus se revelou a partir da sede humana, para que, se apercebendo desta sede, o homem possa buscar a fonte e beber a água da vida eterna. Prova disso é que mesmo na cruz, primeiro manifestou a sua sede (Jo 19,28), e depois deu a “água que brota do seu corpo”.⁴⁵ Desse modo,

No começo Jesus expusera sua necessidade física, comum a todo homem, e agora se oferece para apagar a sede da vida plena, o anseio mais profundo do homem. Jesus não se detém no cultural nem no religioso; vai à raiz, ao homem como criatura de Deus, Criador e Pai; ao homem através de sua relação elemental, corpórea e pessoal, a que a sede e o amor estabelecem.⁴⁶

Por isto, garante Libanio ainda que, há duas formas de se aproximar da revelação: conhecendo e acolhendo a revelação positiva de Deus pela fé, ou então,

A partir de experiências humanas profundas e levar o interlocutor até a soleira da revelação, desvelando-lhe a dimensão transcendental de seu espírito. Através de uma reflexão transcendental, buscar-se-ia mostrar como a essência concreta do ser humano é de quem está à espera, na história, de uma possível palavra de Deus.⁴⁷

Diante deste grandioso mistério da revelação, é preciso que se responda à medida, pois, “como a mulher samaritana, a nossa conversa com Deus não passa muitas vezes de um desconversar. Estamos, mas não estamos por inteiro”.⁴⁸ Ora, Deus é como

⁴³ LIBANIO, J. B., Teologia da revelação a partir da modernidade, p. 82-83.

⁴⁴ NICCACCI, A.; BATTAGLIA, O., Comentário ao Evangelho de São João, p. 19.

⁴⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O evangelho de São João, p. 213.

⁴⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., O evangelho de São João, p. 213.

⁴⁷ LIBANIO, J. B., Teologia da revelação a partir da modernidade, p. 26.

⁴⁸ MENDONÇA, J. T., Elogio da sede, p. 28.

luz que se chega à escuridão humana interior; ou, em outra analogia poética, aos moldes de Tolentino, Deus é a água capaz de saciar as mais profundas sedes interiores.

A sede está intimamente ligada à revelação e manifestação divina, pois, ela é “o selo de cumprimento da sua obra [de Jesus] e, ao mesmo tempo, o do desejo ardente de entregar o dom do Espírito, verdadeira água viva capaz de dessedentar radicalmente a sede do coração humano”.⁴⁹

Assim, portanto, “a metáfora da água viva, com que Jesus se dirige para a samaritana no capítulo quarto, versículo 10, deve-se compreender como autorrevelação de Jesus, a sua própria pessoa, que se dá para a salvação do homem”.⁵⁰

Conclusão

Ao longo deste estudo, entramos em contato com a reflexão do cardeal português José Tolentino Mendonça, que consiste em reconhecer, na obra *Elogio da sede*, a revelação divina a partir da realidade da sede, à luz da perícopa da samaritana, descrita em João 4, 5-15. Ademais, fundamentando a análise em outros exegetas e estudiosos, refletimos acerca da revelação divina na alegoria da sede em relação à fé, como a adesão e resposta integral do homem a Deus.

Posto isto, é mister salientarmos que, é Deus quem diz o que ele é. Cabe ao homem escutá-lo. Desse modo, ele nunca foi silêncio, mas sempre fala nos acontecimentos, isto é, desde formação do seu povo, os profetas, as ações em favor do povo, mas, sobretudo, no evento Jesus Cristo. Todavia, não basta a razão para assentir a verdade revelada, mas é necessário o dom da fé, porque o homem intelectualiza demais a fé, isto é, “preocupamo-nos mais com a credibilidade racional da experiência da fé do que com a sua credibilidade existencial, antropológica e afetiva.”⁵¹ É preciso, portanto, da ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo.⁵²

Enfim, “o dom de Deus é o próprio Jesus, que traz a salvação para todos”.⁵³ Para Burggraf, a revelação divina é dirigida ao homem, que é chamado também a responder ao convite divino pela fé.⁵⁴ Isto significa que, tanto a revelação como a fé são livres, e, portanto, é preciso que o homem responda, paulatinamente, a esta revelação, por meio de uma fé ativa, consciente e dialogal.

⁴⁹ MENDONÇA, J. T., *Elogio da sede*, p. 71.

⁵⁰ DE LA POTTERIE *apud* ZEVINI, G., *Evangelho segundo João*, p. 125-126.

⁵¹ MENDONÇA, J. T., *Elogio da sede*, p. 42.

⁵² CEC 153.

⁵³ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O evangelho de São João*, p. 211.

⁵⁴ BURGGRAF, J., *Teología Fundamental*, p. 33.



Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, C. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BURGGRAF, J. **Teología fundamental**: manual de iniciación. Espanã: Rialp, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/41745270/Jutta_Burggraf_Teologia_fundamental_pdf_versi%C3%B3n>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola, 1993.
- LATOURELLE, R. **Teologia, ciência da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1971.
- LIBANIO, J. B. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Paulus, 2014.
- LIBANIO, J. B. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João**: análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MENDONÇA, J. T. **A Leitura Infinita**: a Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas / Unicap, 2015.
- MENDONÇA, J. T. **Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MURAD, A. et al. **A casa da teologia**: introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo/RS, Editora Sinodal, 2010.
- NICCACCI, A.; BATTAGLIA, O. **Comentário ao Evangelho de São João**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- OLIVEIRA, P. R. F. O Verbo se fez poesia: a Revelação de Deus na abordagem poética de José Tolentino Mendonça. **Teoliterária**, v.10, n.22, p.410-443. 2020. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/49844/33888>>. Acesso em: 08 fev. 2022.
- PAULO VI, PP. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. São Paulo: Edições Paulinas 1967.
- XAVIER, D. **Teologia Fundamental**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- ZEVINI, G. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1987.



ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2023v3n5p4

Luis Gustavo da Silva Joaquim

Graduando em Teologia pelo Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto
Brodowski / SP – Brasil
E-mail: luisgustavodasilva2016@gmail.com

Recebido em: 22/06/22
Aprovado em: 06/12/22